

# A BIOGRAFIA FORJADA DE MARIA DIMPINA LOBO DUARTE (1891-1966): VESTÍGIOS ENCONTRADOS NA IMPRENSA

Data de submissão: 07/09/2024

Data de aceite: 01/11/2024

**Nathalia Araujo Duarte de Gouvêa**

UERJ – Rio de Janeiro/RJ

<http://lattes.cnpq.br/8526271260620881>

**Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco Pinto**

UERJ – Rio de Janeiro/RJ

<http://lattes.cnpq.br/2029851091723519>

**RESUMO:** Neste estudo examina-se a biografia forjada de Maria Dimpina Lobo Duarte (1891-1966), professora, primeira funcionária pública do estado de Mato Grosso, e uma das fundadoras da revista feminina cuiabana *A Violeta* (1916-1950), por meio da imprensa. Apesar de ter sido uma figura de destaque nas Letras e cultura cuiabanas, não há indícios de uma biografia mais arrojada a seu respeito. Neste sentido, busca-se, através deste texto, reunir elementos que narrem sua trajetória de vida e intelectual, de forma a contribuir não apenas para a historiografia das mulheres na imprensa brasileira, mas ainda para a própria história das mulheres. Para além de seu cargo de redatora e diretora de *A Violeta*, Maria Dimpina destacou-se por ser uma de suas assíduas colaboradoras, ao longo das mais de três décadas em que circulou *A Violeta*, assinando algumas de suas colunas

sob pseudônimos diversos. Nas páginas da revista, defendeu amplamente a educação e a emancipação intelectual feminina. Ainda na juventude, destacou-se como a primeira “bacharela” em Ciências e Letras, formada pelo Liceu Cuiabano. Em 1916 funda, em conjunto a mulheres da elite e normalistas cuiabanas, o Grêmio literário Júlia Lopes, que deu origem à revista *A Violeta*, periódico em que teve maior atuação e que é aqui tomado como fonte potente para verificar as representações de Maria Dimpina veiculadas. A metodologia adotada percorre os estudos desenvolvidos por Burke (2011), Ginzburg (2007), ao passo que Costa (2018), Pinto (2023), Dosse (2015) e Gonçalves (2009), sobretudo, compõem o referencial teórico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Maria Dimpina Lobo Duarte. *A Violeta*. Biografia forjada.

### THE FORGED BIOGRAPHY MARIA DIMPINA LOBO DUARTE (1891-1966): TRACES FOUND IN THE PRESS

**ABSTRACT:** This study examines the forged biography of Maria Dimpina Lobo Duarte (1891-1966), a teacher, the first female civil servant in the state of Mato Grosso, and one

of the founders of the Cuiabá women's magazine *A Violeta* (1916-1950), through the press. Despite being a prominent figure in the Literary and Cultural Studies of Cuiabá, there is no evidence of a more consistent biography about her. In this sense, the main intention of this text is to gather elements about her life and intellectual trajectory, in order to contribute not only to the historiography of women in the Brazilian press, but also to the history of women itself. In addition to her role as editor and director of *A Violeta*, Maria Dimpina stood out for being one of its assiduous collaborators throughout the more than three decades in which *A Violeta* circulated, signing some columns under different pseudonyms. In the pages of the magazine, she widely defended education and women's intellectual emancipation. Still during her youth, she was recognized as the first woman graduated in Sciences and Letters from the Liceu Cuiabano. In 1916, she founded, alongside women from the elite, the Grêmio Literário Júlia Lopes, from which the magazine *A Violeta* was created. This was the period in which she was most active and which is taken here as a powerful source to verify the published representations of Maria Dimpina in the press. The methodology is based on Burke (2011) and Ginzburg (2007) works, while Costa (2018), Pinto (2023), Dosse (2015) and Gonçalves (2009), above all, comprehends the theoretical framework.

**KEYWORDS:** Maria Dimpina Lobo Duarte. *A Violeta*. Forged biography.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é observar a biografia forjada de Maria Dimpina Lobo Duarte (1891-1966), professora cuiabana, primeira funcionária pública do estado de Mato Grosso, e uma das fundadoras da revista feminina cuiabana *A Violeta* (1916-1950) na imprensa. Este estudo tem origem nos desdobramentos de uma pesquisa de doutorado concluída, na qual investigou-se o periódico em tela.

Dentre as personagens que circunscreveram as páginas do impresso, recebeu destaque a figura de Maria Dimpina, redatora, diretora e uma de suas assíduas colaboradoras ao longo das mais de três décadas em que circulou a *A Violeta*. Nas páginas da revista, defendeu amplamente a educação e a emancipação intelectual femininas, e diversos foram os momentos em que escreveu de forma reivindicatória sobre o voto e trabalho femininos.

Apesar de se tratar de uma figura popular e reconhecida pelas Letras e Educação mato-grossenses pelos seus feitos, não há registros de suas trajetórias de vida e intelectual publicadas em ensaios biográficos mais arrojados. De outra maneira, encontram-se vestígios de sua vida e trajetória através de ensaios de familiares, verbetes em dicionários e entradas em trabalhos acadêmicos, que tem como objeto a revista *A Violeta*, o Grêmio literário Júlia Lopes e/ou a Federação Matogrossense pelo Progresso feminino, entidade cuja atuação se observou.

Assim, justifica-se a pretensão deste estudo e a predileção da intelectual cuiabana como objeto. Ademais, convém ressaltar alguns aspectos do gênero em questão no campo dos estudos históricos. Ao longo dos oitocentos, é notório o interesse pela vida pública, principalmente pela rápida popularização da imprensa periódica como veículo de

comunicação de massa.

A divulgação de textos e/ou ensaios acerca de intelectuais era comum nas páginas de periódicos diversos, sobretudo em datas natalícias, homenagens diversas ou póstumas. Considerado seu caráter parcial, importa destacar que esses ensaios sobre a vida do outro, ou sobre a própria vida, estavam associados às intencionalidades do impresso.

Este fato contribuiu significativamente para que o gênero perdesse força na segunda metade do século XX, quando passou a ser descredibilizado como um objeto de estudo histórico, justamente por ter adquirido, ao longo dos anos 1940 e 50, o status de fonte para a história literária e para a história do Brasil. Tal recusa só viria a mudar a partir da compreensão da história como um tempo-espaço constituído por narrativas, e não tão somente por documentos. Conforme salienta Fukelman (2014, p.9):

Quando diferentes campos do pensamento tomam a biografia como um objeto de investigação, significa que identificam nesse material uma provocação que ultrapassa a compreensão estrita de uma personalidade, uma época, um grupo. Estão em jogo os modos de escrita e de enunciação; articulações com o campo intelectual (...) relação entre as artes, entre registro factual e ficcional.

Destarte, este estudo debruça-se na ideia de uma biografia forjada, que dê conta de, através da narrativa histórica, apresentar as trajetórias de vida e intelectual de Maria Dimpina Lobo Duarte, uma vez que estes dois aspectos parecem indissociáveis. Para tal, a imprensa opera como uma fonte potente quando na verificação das representações da intelectual veiculadas nos jornais e revistas, sobretudo nos de origem mato-grossenses.

Ancorado nos estudos de Freire (1999), Nadaf (1993), Costa (2018) e Pinto (2023), que abordam a revista *A Violeta* e a suas redatoras, este trabalho busca investir na constituição de um ensaio biográfico mais amplo. Para tal, estabelece diálogo com Dosse (2015) e Gonçalves (2009), sobretudo, no que tange às teorias biográficas; e parte dos preceitos de Ginzburg (2007), sob a concepção do fio e dos rastros; e das premissas de Burke (2011), no que cerne o cruzamento de fontes, condição *si ne qua non* quando no tratamento da imprensa como uma fonte histórica.

A partir das questões apresentadas, propõe-se a organização deste capítulo em três seções, que compreendem, respectivamente: a concepção da gênero biográfico e suas nuances; a operação historiográfica na revista *A Violeta*, fonte principal deste estudo; e, por fim, o esboço de uma biografia de Maria Dimpina a partir dos indícios encontrados na imprensa periódica.

## O GÊNERO BIOGRÁFICO E SEU CARÁTER “MOVEDIÇO”

Há um acúmulo de discussão sobre o gênero biográfico por não ser apenas uma tarefa árdua escavar e esmerilar fatos sobre a vida de outra pessoa ou grupo, mas também há de se ter em mente o período histórico no qual a pessoa estava inserida, as percepções

do autor no caso de narrar em um período histórico diferente, as escolhas e recortes por parte do pesquisador e se suas contribuições para a historiografia são pertinentes.

Pensando sobre histórias de vidas em *A ilusão biográfica* (1986), Pierre Bourdieu descreve o biográfico e as histórias de vida, em geral, como uma ilusão de que é possível em um texto histórico narrativo uma ordenação linear, cronológica e coerente da história de vida de um sujeito.

Tentar entender uma vida como uma série única de acontecimentos sucessivos sem outro vínculo além da associação a um “sujeito” cuja constância é sem dúvida aquela do nome próprio é tão absurdo quanto tentar explicar a trajetória do metrô sem levar em conta a estrutura da rede, ou seja, a matriz de relações objetivas entre as diferentes estações. (Bourdieu, 1986, p. 198-190)

Angela de Castro Gomes, em *Escrita de si, escrita da história* (2004, p.13) também apresenta inúmeras contribuições para a questão em pauta por concordar com Bourdieu sobre a ilusão de linearidade e coerência do indivíduo e ainda afirma que “é exatamente porque o eu do indivíduo moderno não é contínuo e harmônico que as práticas culturais de produção de si se tornam possíveis e desejadas”

Por sua vez, a historiadora Márcia Gonçalves (2009) ao debater a biografia como um “terreno movediço”, traz à tona muitas reflexões acerca dos cuidados com a ação de representar. A autora faz alusão aos alertas de Leonor Arfuch sobre o conceito de representação por conta do “caráter criador e transformador da linguagem” (Arfuch, 2007 *apud* Gonçalves, 2009, p. 19). Em anedota pessoal, Gonçalves reflete sobre as narrativas biográficas não obterem espaço nas bibliografias na área de História Política na década de 1980 por conta de haver uma premissa não dita de que “as narrativas biográficas, no máximo, teriam caráter acessório” (p. 20).

No entanto, por mérito de movimentos na área das humanidades desde as últimas décadas do século XX, surge um novo olhar para o biográfico ou para as histórias de vida como “formas de escrita da história e de materialização dos saberes sociológicos e antropológicos” (p. 21). Assim, é possível compreender o valor das narrativas biográficas para a historiografia.

Em *O desafio biográfico* (2015), François Dosse cita Walter Benjamin com relação ao papel do historiador como promovedor de uma quebra na continuidade de um período temporal para observar uma vida individual e “demonstrar como a existência inteira de um indivíduo cabe numa de suas obras, num de seus fatos [e] como, nessa existência, insere-se uma época inteira” (Benjamin *apud* Dosse, 2015, p.11). Um texto biográfico pode conter muitas décadas ou poucos anos dependendo de seu foco e do recorte do pesquisador.

O “Prefácio à segunda edição” da obra supracitada de Dosse, também adverte-nos, com base nos estudos de Martine Boyer-Weinmann, que o biógrafo deve enunciar seu ponto de vista quanto ao vínculo que aproxima o biógrafo do biografado (Dosse, 2015).

Assim, devido à constante invisibilização de mulheres escritoras e em posição de

liderança na História da Educação e na história brasileira, foi percebida a necessidade de reunir alguns dos muitos fatos referentes à Maria Dimpina Lobo Duarte nas fontes históricas da imprensa brasileira para constituir escritos biográficos a seu respeito e chamar atenção à sua importância na educação para mulheres no Brasil. Para tal, recebem destaque as numerosas menções à sua figura na revista *A Violeta*, sobre a qual discutiremos a seguir.

## **A VIOLETA (1916-1950): FONTE PRIVILEGIADA PARA INVESTIGAÇÃO**

Fundada em Mato Grosso no final de 1916, a revista feminina *A Violeta* estabeleceu-se, ao longo de sua existência, como um importante veículo de divulgação das letras femininas cuiabanas, sendo considerada ainda a primeira revista feminina de sucesso no estado mato-grossense. Produto do Gremio Litterario Julia Lopes, uma agremiação composta por mulheres da elite e professoras cuiabanas, e fundada em novembro do mesmo ano, a revista circulou por mais de três décadas e projetou-se na historiografia da imprensa brasileira como uma fonte potente para investigação, não apenas por sua longevidade, mas ainda pela multiplicidade de temas abordados em suas páginas.

*A Violeta* apresenta um total aproximado de 330 edições, sendo a primeira delas publicada em novembro de 1916; e a última em março de 1950. O periódico encontra-se disponível em acervos variados: na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), no Arquivo Público do Estado de Mato Grosso (APMT); no acervo pessoal de Yasmin Nadaf (AYN); na Biblioteca Casa Barão de Melgaço (BCBM) da Casa Barão de Melgaço (MT), que concentra os acervos da Academia Mato-grossense de Letras (AMT); e no Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso (IHGMT).

Ao longo dos 34 anos em que circulou, *A Violeta* contou com quatro de suas redatoras que, alternadamente, estiveram à frente de sua direção – Bernadina Rich, Mariana Póvoas, Benilde Moura e Maria Dimpina Lobo Duarte. Nadaf (1993) indica que dentre o conteúdo divulgado em suas páginas, encontram-se contos, crônicas, poesias, colunas sociais, artigos de opinião – geralmente escritos por suas redatoras – notícias e textos diversos (notas, anúncios, epígrafes, etc.)

Neste escopo, algumas seções mantiveram certa regularidade: “Chronica”, “Perfil” e “Correspondência de D. Martha”, das quais duas eram escritas por Maria Dimpina, sob pseudônimos<sup>1</sup>. Grosso modo, compreende-se que a revista buscou defender a educação feminina como uma ferramenta para promoção intelectual da mulher e sua emancipação moral.

Pinto (2023) ressalta a importância do nome da escritora Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) à frente da agremiação e o fato dela ter sido colaboradora e figura constantemente mencionada com louvores. Acredita-se, nesse sentido, que Júlia Lopes, à época da fundação de *A Violeta*, uma escritora de prestígio nas letras brasileiras, teria

---

<sup>1</sup> A seção Chronica era assinada pelo pseudônimo “Arinapi” e Correspondência de D. Martha pelo pseudônimo “Martha”.

colaborado de forma significativa para a popularidade da revista, que não se restringiu ao estado<sup>2</sup>.

A escolha de Júlia Lopes de Almeida, a renomada escritora carioca como patrona traria, tanto ao grêmio quanto à revista, a elegibilidade que sustentaria as mais de três décadas de circulação de *A Violeta*. Quando fora homenageada pelo grêmio, Júlia, então com 54 anos e 35 de atuação na imprensa periódica, já havia consolidado sua carreira como romancista e circulava nos espaços pouco comuns às mulheres de seu tempo. (Pinto, 2023, p.228)

Maria Dimpina Lobo Duarte foi a primeira presidente do Gremio Litterario Julia Lopes e a primeira diretora da revista, permanecendo no cargo até a edição 86, de outubro de 1921. Dentre as colaboradoras de *A Violeta*, Maria Dimpina é o nome de maior destaque na cena mato-grossense nas primeiras décadas do século XX. Nas páginas da revista, assinou grande parte dos textos que figuravam na coluna “Chronica”, que discutiam intervenções em Mato Grosso, a política no estado, a criação de escolas, de bibliotecas, de leis e ainda advogou pelo voto feminino muito a partir de sua associação à Federação Matogrossense pelo Progresso Feminino, da qual foi vice-presidente na década de 1930.

Assinou também a seção “Correspondência de D. Martha”, por meio da qual postulava conselhos, indicações de leituras e comportamentos para as mulheres, as “amigas leitoras”, por meio de uma linguagem mais simples e suave, na tentativa de estabelecer certa intimidade com as leitoras:

Minhas boas amiguinhas,

Mais um anno vae fundar se, levando consigo uma chuva de bençãos, ou maldições dos Contentes e dos que nao foram felizes. (*A Violeta*, edição 112, p. 11)

Embora Maria Dimpina tenha lecionado em alguns espaços escolares, sua posição como bacharela impunha a si uma postura mais dura com relação às demais colegas, sendo por vezes tida como “ativa” e incisiva, especialmente por abordar questões pouco caras aos circuitos femininos da época especialmente em suas crônicas, como quando defendeu, em edições várias, a construção de uma estrada de ferro no estado:

O governo federal quer o progresso em todo o país. (...) estimula as indústrias e o comércio. Constrói estradas de rodagem e melhora todas as vias de comunicações. Isenta de impostos na exportação da borracha pelo porto de Corumbá, e com os recursos com que conta, procura melhorar imediatamente a navegação pelo rio Cuiabá, porque percebe que será esta a via mestra natural que desafogará o progresso do norte do estado, facilitando a exportação das incomensuráveis riquezas aí existentes e a importação dos produtos de primeira necessidade. (*A Violeta*, edição 254, p. 6-7).

Outra empreitada da revista endossada pelos discursos de Maria Dimpina é a criação de uma escola doméstica, aos moldes da Escola Doméstica de Natal. Muller (1999) salienta

---

<sup>2</sup> Era de praxe o envio de edições de jornais e revistas para outros periódicos, especialmente para aqueles localizados na capital federal, Rio de Janeiro, para fins de divulgação. Há indícios da circulação de *A Violeta* por meio do Centro Matogrossense. (Costa, 2018; Pinto, 2023)

que, nessa lógica, não apenas a defesa constante de uma educação feminina nas páginas da revista como a criação de uma escola mantida pelo Gremio Litterario, atribuíram às suas redatoras o caráter de mediadoras culturais, dado que, naquele momento, a imprensa feminina operava como uma forma de educabilidade para suas leitoras e consumidoras<sup>3</sup>.

Do discurso iniciado ainda na década de 1920 a respeito da necessidade da criação de um espaço de profissionalização da mulher cuiabana, intimamente ligado à uma carta de Júlia Lopes de Almeida endereçada à redação, as gremistas fundam a Escola Doméstica Dona Julia na década de 1940, acompanhando as tendências de educação profissional propostas pelo Ministro da Educação à época, Gustavo Capanema. Nas diretrizes do decreto lei n.4244, de 9 de abril de 1942, observa-se as intencionalidades de uma educação doméstica:

3. Incluir-se-á, na terceira e na quarta série do curso ginasial e em todas as séries dos cursos clássico e científico, a disciplina de economia doméstica.

4. A orientação metodológica dos programas terá em mira a natureza da personalidade feminina e bem assim a missão da mulher dentro do lar. (BRASIL, 1942)

Desta maneira, é inaugurada, em novembro de 1946, uma Escola Doméstica que, além de receber o nome da patrona da agremiação mantenedora da revista, encontrou na família da escritora parte do apoio financeiro necessário. Contudo, apesar dos esforços contundentes para a criação e manutenção da escola, a instituição funcionou apenas por 3 anos (Silva, 2021). A cerimônia de formatura, publicizada pela revista, teve como paraninfo o Professor Filogônio Correa<sup>4</sup>, que discorreu discurso reforçando os propósitos de criação da escola:

Sendo o amor a própria essência do sexo delicado, porque, pois, não havemos de preparar a mulher para a vida do lar, que é onde o amor vive? (...) Só a escola, a casa da educadora, será, para a mulher, professora, um novo lar, onde ela possa dedicar aos alunos o mesmo afeto de mãe só reservado aos próprios filhos. Mas, para que ela possa ser uma educadora digna deste nome tão nobre, e nem sempre merecido por aquelas que o portam, mister se torna haja nelas a verdadeira vocação. (A Violeta, edição 333, p.3)

Para além da atuação de Filogônio Correa, algumas gremistas ocuparam cadeiras na Escola Doméstica. Maria Dimpina foi uma delas, ministrando aulas de Português, História e Educação Cívica (Pinto, 2021). Como se pode observar, a presença e atuação de Maria Dimpina nas páginas de *A Violeta* se deu de forma ampla e diversa, seja por meio dos discursos incisivos reivindicando de melhorias para o estado, seja pela condição de mediadora cultural nas páginas da revista, advogando pela emancipação moral e educação feminina.

3 Convém destacar que, apesar do impresso ser essencialmente composto por textos verbais e apresentar-se em uma conjuntura na qual mais de 70% da população brasileira era analfabeta, o público consumidor dos periódicos não era apenas aquele composto por leitores; de outra maneira, os jornais e revistas eram lidos em voz alta, as notícias comentadas, os conteúdos disseminados.

4 Membro do IHGMT e professor de História.

Desta forma, empreender uma biografia mais arrojada a seu respeito, acompanhando, em certa medida, as diversas frentes onde atuou, nos parece imperativa. Com efeito, sublinha-se as menções de seus feitos na imprensa, sobretudo a cuiabana, como exposto a seguir.

## A BIOGRAFIA FORJADA DE MARIA DIMPINA LOBO DUARTE NA IMPRENSA



Figura 2 - Maria Dimpina Lobo Duarte

Fonte: IFMT

A figura que abre esta seção pode ser encontrada na página da web do Instituto Federal do Mato Grosso, em texto sobre o qual se anuncia “uma homenagem à professora cuiabana, Maria Dimpina Lobo Duarte. Uma mulher que viveu à frente de seu tempo e, sem dúvida nenhuma, foi precursora de importantes transformações na sociedade mato-grossense.”

O anúncio refere-se à V Semana da Consciência Negra, realizada no IFMT - Campus Pontes e Lacerda, em Mato Grosso. Chama-nos atenção dois aspectos do texto, assinado pela reitora do Instituto: o primeiro refere-se à organização de algumas notas biográficas, cronologicamente organizadas, a respeito da intelectual; e o segundo compreende a menção do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Indígena e de Fronteira Maria Dimpina Lobo Duarte (NUMDI), do IFMT, criado em 2018.

Apesar do feito, o texto ocupa meia página. Se Maria Dimpina foi precursora de grandes transformações na sociedade mato-grossense, como o texto sugere, faltam mais elementos que endossem esse argumento; e que certamente não podem ser resumidos

em meia página.

É sobre esta lacuna na história das mulheres cuiabanas e na história da imprensa e educação femininas que este estudo se debruça, observando os vestígios coletados na imprensa periódica, notadamente em *A Violeta*, *O Matto-Grosso*, e *O Estado de Mato Grosso*, nos quais Maria Dimpina colaborou. É a partir dos fragmentos dos jornais e revistas que se identificam pistas de quem foi e quais foram as linhas de atuação de Maria Dimpina.

Ainda na juventude, Maria Dimpina formou-se bacharel em Ciências e Letras pelo Liceu Cuiabano. Anos depois, começou a trabalhar no serviço público, como a primeira funcionária pública do estado, ocupando o cargo de postalista dos Correios e Telégrafos. Lá, Maria Dimpina conheceu o marido, Firmo Pinto Duarte, com quem teve 4 filhos.

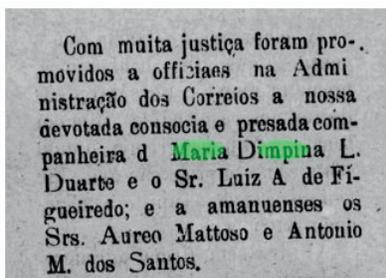
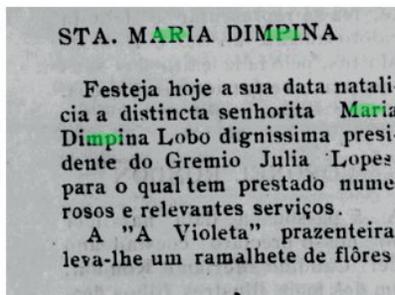
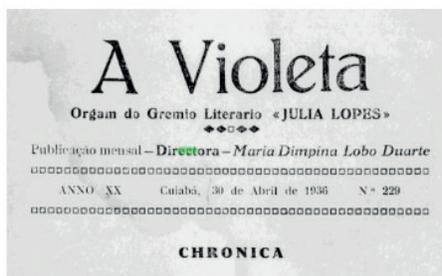


Figura 3 - Recorte da página 9 da edição 122 da Revista A Violeta (1925)

Fonte: Hemeroteca Digital da FBN

De acordo com os dados colhidos no site do Instituto Federal de Mato Grosso, ela "dedicou-se ao magistério sendo professora da Escola Modelo 'Barão de Melgaço'; fundou o colégio particular "São Luiz" do qual foi proprietária, diretora e professora."

Em 1916, fundou, em conjunto a mulheres da elite e normalistas cuiabanas, o Gremio Litterário Julia Lopes, em homenagem à escritora carioca Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). É a partir do grêmio que surge *A Violeta*, periódico em que teve maior atuação.



Figuras 4 e 5 - Recorte da capa da edição n. 229 da revista A Violeta (1936) e recorte da página 10 da edição n. 32 da revista A Violeta (1918)

Descrita como bastante religiosa, fundou a Associação das Senhoras Católicas na década de 1920, e foi ainda membro da Liga feminina pró-lazaros, uma entidade de caráter

assistencialista; além de ter um de seus filhos, Firmo Duarte Pinto Filho, se tornado padre, muito por sua educação voltada para a religião, a moral e os bons costumes, de acordo com o que se verifica na historiografia. Foi vice-presidente da Federação Matogrossense pelo Progresso Feminino, uma das filiais da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), na década de 1930 (Pinto, 2023), momento no qual ampliou os discursos reivindicatórios em prol das mulheres em *A Violeta*.

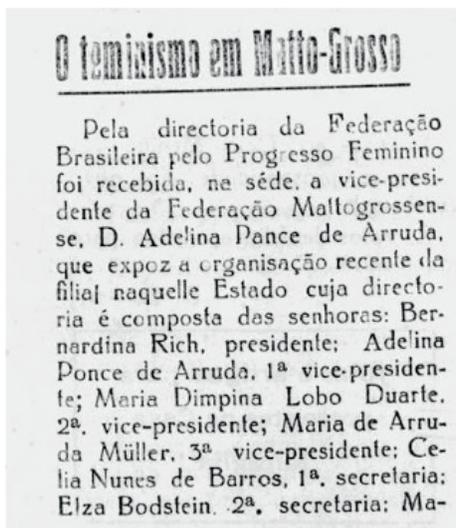


Figura 6 - Recorte da página 3 da edição 219 da revista A Violeta (1934)

Fonte: Hemeroteca Digital da FBN

No magistério, atuou na Escola Modelo Barão de Melgaço; e fundou duas instituições de ensino: o Colégio São Luiz, aos 19 anos, do qual indica-se ter sido professora e diretora, oferecendo “curso primário e de admissão, ensino de Francês, Inglês, boas maneiras e prendas domésticas.” (O Estado de Mato Grosso, edição 3730, p.6) e a Escola Doméstica Dona Júlia (1946-1950), tendo também atuado como professora nas cadeiras de Português, História e Educação Cívica (Pinto, 2021).



Figura 7 - Recorte da página 2 do jornal A Noite (RJ), 1948

Fonte: Hemeroteca Digital da FBN

Ademais, através de seu bom relacionamento com as autoridades, notadamente expressas por seu discurso conciliador em *A Violeta*, teria Maria Dimpina participado ativamente da implementação da lei 1.711, de 1952, que transcorria acerca dos funcionários públicos (Freire, 1999). Quando Firmo Pinto Duarte foi requisitado para ocupar uma agência dos Correios e em outro município (Cárceres-MT), Maria Dimpina advogou em favor de uma licença à funcionária casada:

Da Licença a funcionária Casada

Art. 115. À funcionária casada terá direito a licença sem vencimento ou remuneração, quando o marido for mandado servir, ex-officio, em outro ponto do território nacional ou no estrangeiro.

§ 1º Existindo no novo local de residência repartição federal, o funcionário nela será lotado, havendo claro, enquanto durar a sua permanência ali.

§ 2º A licença e a remoção dependerão de requerimento devidamente instruído.

Por conta de sua atuação na educação cuiabana, foi fundada a Escola Municipal Maria Dimpina - atual Escola Cívico-Militar Cuiabana Prof.<sup>a</sup> Maria Dimpina, ainda na década de 1960; e recebeu seu nome um núcleo de estudos no Instituto Federal de Mato Grosso, o NUMDI – Núcleo de Estudos Afro-brasileiro, Indígena e de Fronteira Maria Dimpina Lobo Duarte. Publicou em 1955, o volume *Folhas Soltas*, em homenagem à família e publicado pela Editora gráfica Laemmert, no Rio de Janeiro (Costa, 2016).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de se tratar de uma personalidade de peso no estado do Mato Grosso e

sua importância para a educação das mulheres, por meio da fundação de escolas com a finalidade de educá-las, da criação de um grêmio literário feminino, ou ainda por meio da veiculação de reivindicações para as mulheres na ampla imprensa e na revista *A Violeta*, a trajetória intelectual de Maria Dimpina parece ainda ocupar a antessala dos educadores e personalidades das primeiras décadas do século passado.

Considerando as barreiras de gênero, perpetuadoras de cânones literários ainda pouco habitados por mulheres, justifica-se a menção à seu nome, sua obra e sua trajetória. As articulações por ela propostas, em diversas frentes, ofereceu às mulheres novas formas de educabilidade, muitas delas através da imprensa - notadamente, *A Violeta*.

Por meio deste estudo, foi possível apresentar, através das pistas encontradas na imprensa, quem foi e quais foram as contribuições de Maria Dimpina Lobo Duarte, professora, redatora, escritora, benfeitora, fundadora do Grêmio literário Júlia Lopes e sócia - proprietária de uma de uma das primeiras revistas femininas do estado de Mato Grosso, *A Violeta*.

Dito isso, a escolha do presente trabalho compreende todas as questões relacionadas ao gênero biográfico supracitadas. Dessa forma, não é nossa presunção entender que esta é a única possível história de Maria Dimpina Lobo Duarte e sim que é uma história das muitas possíveis de serem narradas acerca do nosso sujeito. Assim, espera-se que este trabalho integre os estudos que privilegiam a escrita biográfica, a História das Mulheres no Brasil, a revista *A Violeta*, a escrita e educação femininas.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996. p. 183-191. ]

BRASIL. Decreto-Lei n. 4.244 de 09 de abril de 1942. Lei Orgânica do ensino secundário. Diário Oficial da União, 1942. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html>.

BRASIL. Lei nº 1.711, de 28 de outubro de 1952. Dispõe sobre o Estatuto dos Funcionários Públicos Civis da União: Brasília, DF. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/1950-1969/L1711.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1950-1969/L1711.htm). Acesso em 04 set.2024.

BURKE, Peter (Org). Tradução de Magda Lopes. **A escrita da história; novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

COSTA, Eliete Huguene de Figueiredo. **Revista A Violeta: a verbo-visualidade e o entrecruzamento de vozes**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 2016.

COSTA, Laís. **O feminismo nas crônicas da revista A Violeta (1916-1937)**. 1a ed. Curitiba: Editora Appris, 2018

DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma vida**. 2ª edição. São Paulo: EdUSP, 2015.

IFMT. Campus Pontes e Lacerda: V Semana da Consciência Negra homenageará a professora Maria Dimpina Lobo Duarte. Disponível em: <<https://antigoportal.ifmt.edu.br/noticias/1006459/>>. Acesso em 04 set.2024.

FREIRE, N. Q. Maria Dimpina Lobo Duarte. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso**, Cuiabá (MT), v. 1, n. 57, p. 160–175, 1999. Disponível em:< <https://revistaihgmt.com.br/index.php/revistaihgmt/article/view/520>. Acesso em: 3 mar. 2024.

FUKELMAN, Clarisse (Org). **Eu assino embaixo: biografia, memória e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

GOMES, Angela de Castro (Org). Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2004.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. **Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

MULLER, Lúcia. As Construtoras da Nação: professoras primárias na Primeira República. Niterói: Intertexto, 1999.

NADAF, Yasmin Jamil. **Sob o signo de uma flor**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.

PINTO, Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco. A liberdade feminina assistida: a educação para mulheres na escola doméstica Dona Júlia (1946-1950). In: BRESSANIN, César Evangelista Fernandes; BALDINO, José Maria; ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de (Orgs.). **Educação, História, Memória e Cultura em Debate - Volume IV: Educação e cultura em diferentes espaços sociais** [recurso eletrônico] (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

PINTO, Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco. **Júlia Lopes de Almeida: escritora, mãe e esposa laureada nas páginas de A Violeta (1920-1934)**. 2023. 347f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

SILVA, Gabriella Moura da. **“Grato mister que, quer queira quer não, é o de ser dona de casa”:** **Educação das mulheres na Escola Doméstica Dona Júlia – Cuiabá-MT (19146-1949)**. 308 Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2021.

## **FONTES DOCUMENTAIS**

A Noite, 1948, edição n. 12.931, p. 2.

A Violeta, 1918, edição n. 32, p.1.

A Violeta, 1934, edição n. 219, p.3.

A Violeta, 1936, edição n. 229, p.10.

O Estado de Mato Grosso, 1960, edição n. 3730, p.6